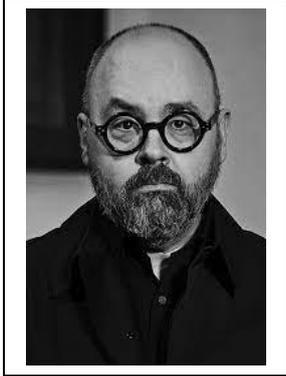
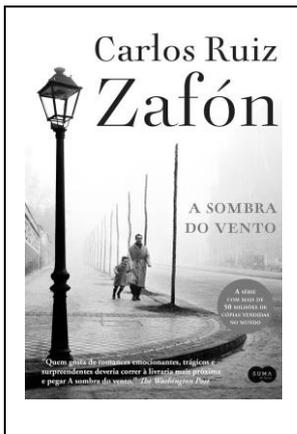


**[A sombra do vento]
[Carlos Ruiz Zafón]****[Carlos Ruiz Zafón] Biografia:**

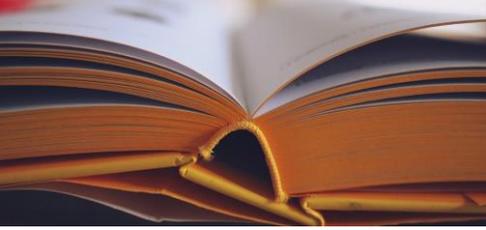
Carlos Ruiz Zafón (1964-2020) é um dos autores mais lidos e reconhecidos em todo o mundo. Iniciou a sua carreira literária em 1993 com *O Príncipe da Neblina* (Prémio Edebé), a que se seguem *O Palácio da Meia-Noite*, *As Luzes de Setembro* e *Marina*. Em 2001 é publicado o seu primeiro romance para adultos, *A Sombra do Vento*, que rapidamente se transforma num fenómeno literário internacional. Nos últimos anos transformou-se numa das maiores revelações literárias com *A Sombra do Vento*, que foi traduzido em mais de trinta idiomas e publicado em cerca de 45 países, e foi finalista dos prémios literários espanhóis Fernando Lara 2001 e Llibreter 2002. Em Portugal, essa obra foi premiada com as *Correntes d'Escritas*, do ano de 2006. Com *O Jogo do Anjo* (2008) regressa ao universo de *O Cemitério dos Livros Esquecidos*, que continua em *O Prisioneiro do Céu* (2012) e que finaliza a tetralogia com *O Labirinto dos Espíritos* em 2016. As suas obras foram traduzidas em mais de 50 línguas e conquistaram numerosos prémios e milhões de leitores nos 5 continentes.

Sinopse de [A sombra do vento]

Num amanhecer de 1945, um rapaz é levado pelo pai a um misterioso lugar escondido no coração da cidade velha: O Cemitério dos Livros Esquecidos. Ali, Daniel Sempere encontra um livro maldito que muda o rumo da sua vida e que o arrasta para um labirinto de intrigas e segredos enterrados na alma obscura da cidade.

A Sombra do Vento é um mistério literário que tem como cenário a Barcelona da primeira metade do século, desde os últimos esplendores do Modernismo até às trevas do pós-guerra. Uma narrativa poderosa, que combina intriga, romance histórico, comédia de costumes, e que é acima de tudo uma trágica história de amor cujo eco se projeta através do tempo. O autor entrelaça tramas e enigmas numa história inesquecível sobre os segredos do coração e do feitiço dos livros, mantendo o suspense até à última página.

Todo o mistério e emoções do universo literário de O Cemitério dos Livros Esquecidos.

EXPRESSO CULTURA

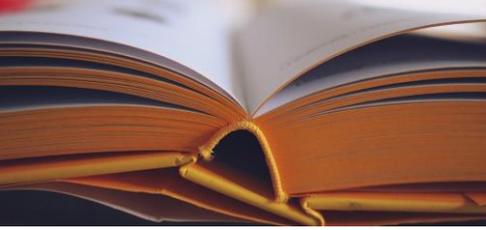
Carlos Ruiz Zafón: “Escrevo como se faz um filme, atravesso camadas e camadas de profundidade” (1964-2020)

Autor de “A Sombra do Vento” morreu em Los Angeles, Estados Unidos, onde vivia desde 1994. Lutava contra um cancro há dois anos



19 junho 2020 // [Luciana Leiderfarb](#)

O escritor Carlos Ruiz Zafón viu a sua carreira disparar quando, em 1993, o seu primeiro romance, “O Príncipe da Névoa”, venceu o prémio Edebé de literatura juvenil. Era um ex-estudante em ciências da informação que não acabara o curso e que trabalhara em publicidade, antes de tomar a decisão de abandonar tudo para começar a escrever. Usou o valor do prémio para se mudar de Barcelona para Los Angeles, onde construiu um sólido corpo literário, pontuado de vários livros de sucesso, a par da escrita de guiões cinematográficos. Há dois anos, um diagnóstico de cancro de cólon interrompeu-lhe o caminho, obrigando-o a lutar pela vida. Esta sexta-feira essa luta chegou ao fim. A doença ganhou. Carlos Ruiz Zafón morreu naquela cidade norte-americana onde residia desde 1994 com a família. A Planeta, editora dos seus livros (também em Portugal), publicou: “Hoje é um dia triste para toda a



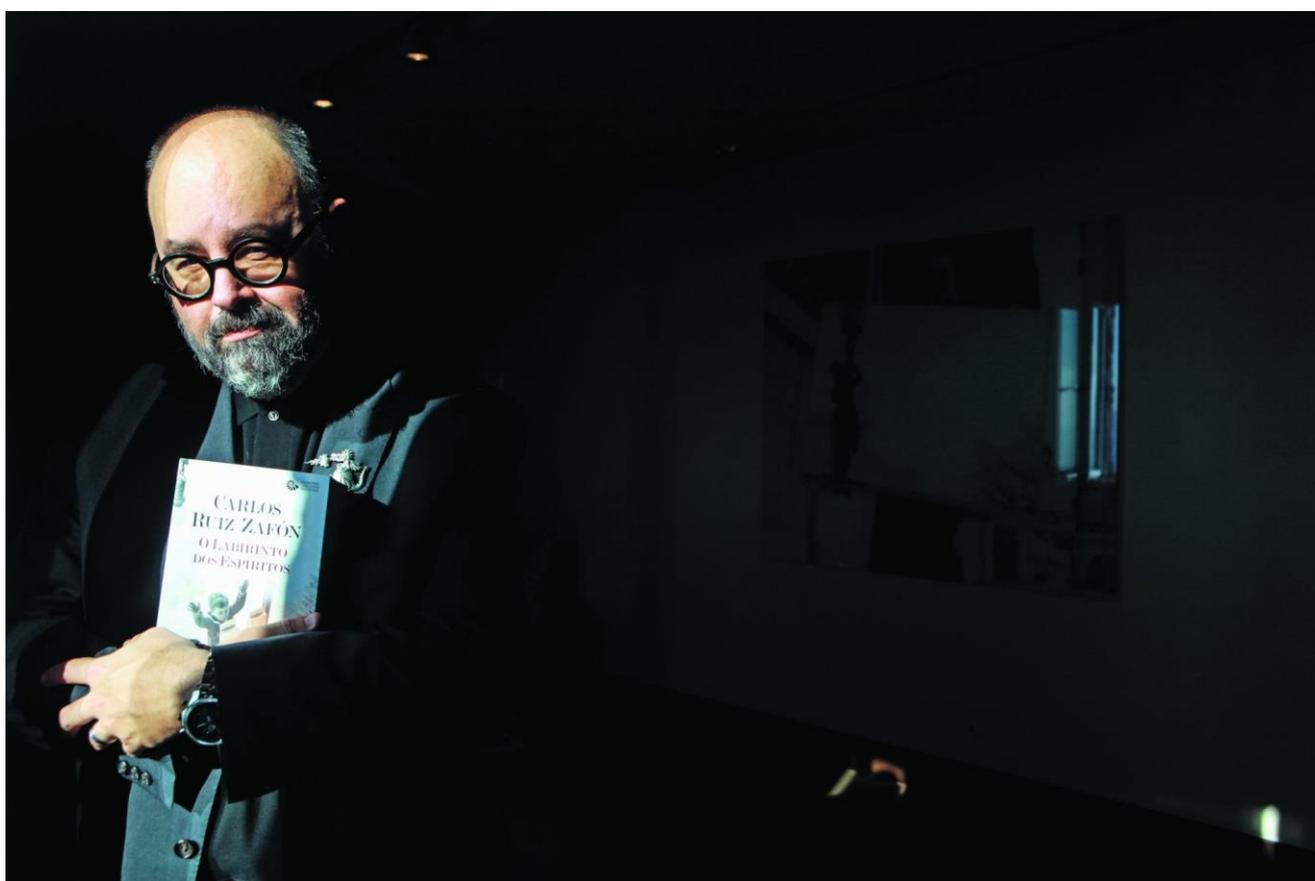
equipa que o conheceu e trabalhou com ele durante 20 anos, nos quais se forjou uma amizade que transcende o profissional.” Quem desaparece, acrescentou, é “um dos melhores romancistas contemporâneos”. Ruiz Zafón era muito conhecido pelo romance “A Sombra do Vento”, de 2001, traduzido para mais de 50 línguas, e que vendeu acima de 10 milhões de exemplares. Este livro foi selecionado, em 2007, por 81 escritores e críticos latino-americanos e espanhóis para uma lista dos 100 melhores livros da língua espanhola dos últimos 25 anos. Sete anos depois deste best-seller, o autor escreveria “O Jogo do Anjo”, que despachou 230 mil exemplares no primeiro fim de semana após o lançamento. Os romances seguintes - “O Prisioneiro do céu” e “O Labirinto dos Espíritos” (com uma primeira edição de nada menos que 700 mil exemplares) - foram intercalados por dois volumes de contos. Em 2006, Zafón venceu o Prémio Correntes d’Escritas. Nascido em Barcelona a 25 de setembro de 1964, Carlos Ruiz Zafón passou a infância num apartamento próximo à basílica da Sagrada Família. Iniciou-se na literatura juvenil com a Trilogia da Névoa, três livros redigidos entre 1993 e 1995. O facto de ter escolhido a literatura após uma incursão na publicidade e no cinema - e de ter continuado a trabalhar ativamente nesta indústria como redator de guiões - marcou fortemente a sua escrita e a construção dos seus romances, além da presença de elementos fantásticos e o tom de aventura. Ao jornal “El País”, em 2008, declarou sobre o seu percurso literário: “Tem muito de guionista; e muito menos de publicitário. A publicidade foi o meu primeiro trabalho, tinha 19 ou 20 anos, e sim, comecei como copywriter e acabei diretor criativo; aprendi muito e consegui ganhar a vida.... Muitos escritores, como Don Delillo, trabalharam em publicidade porque esta roça a literatura. Aprendes a linguagem, as palavras como imagens. É equivalente aos romancistas que um dia foram jornalistas. Michael Connelly, que me interessa muito, foi jornalista de justiça em Los Angeles e sem essa formação a sua literatura seria muito diferente. Porém, o que tem impacto na minha obra – e nunca é referido - é o meu trabalho cinematográfico”. Presença rara em festivais literários e homem avesso às aparições públicas, disse: “O suposto mundinho literário é 1% literário e 99% mundinho”. Sobre a forma como escreve, descreveu: “O meu método de trabalho está dividido por camadas. Escrevo como se faz um filme, em três fases. A primeira é a pré-produção, da criação do mapa do que vou fazer, embora ao começar a fazê-lo me aperceba de que terei de mudar tudo. Depois vem a rodagem: recolher os elementos com os que será feito o filme. Então, enquanto escrevo, atravesso camadas e camadas de profundidade, e começo a modificar as coisas. É nessa fase que me pergunto: ‘E se mudar a linguagem e o estilo?’ Aí crio o problema, que para o leitor há de ser invisível: ele há de ler como água, tudo tem de lhe parecer fácil. Mas para isso é preciso muito trabalho.”

SOL / CULTURA

Carlos Ruiz Zafón. ‘Às vezes parece que tenho de pedir desculpa pelo meu sucesso’

Alcançou notoriedade mundial com *A Sombra do Vento*, romance passado numa Barcelona gótica imaginária. Aos 52 anos, acaba de publicar *O Labirinto dos Espíritos*, a quarta e última parte do ciclo ‘O Cemitério dos Livros Esquecidos’, iniciado em 2001. Vive entre Los Angeles e Barcelona e diz que o sucesso não o mudou

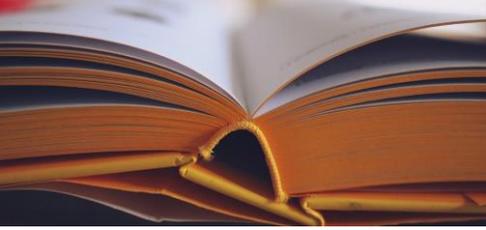
JOSÉ CABRITA SARAIVA, 25 de Dezembro 2016



Diana Tinoco

Depois da publicação de cada um dos seus livros, Carlos Ruiz Zafón anda durante cerca de um ano a viajar. Mas vê poucos dos sítios onde vai, pois a esmagadora parte do tempo é passada numa sala de hotel a falar com jornalistas. Ao fim do dia, se houver oportunidade, concede-se um passeio pela cidade.

«Este livro apareceu em Espanha a 17 de novembro», diz-nos o autor, a propósito de *O Labirinto dos Espíritos*, o quarto e último volume do ciclo ‘O Cemitério dos Livros Perdidos’, iniciado em 2001 com *A Sombra do Vento*. «Desde então estive em Barcelona, Madrid, fui ao México, do México voltei para Itália e de Itália vim para aqui». Descreve no ar um percurso imaginário com o indicador enquanto imita o som de um inseto a voar muito rápido: «Zzzzzzz!».



Quando o encontramos numa sala com vista para o Tejo, Zafón está a garatujar qualquer coisa numa folha. Pensamos tratar-se de anotações, porventura apontamentos para o próximo livro. Mas não: os traços no papel formam o desenho de um dragão. O autor coleciona estes seres imaginários e até o mais distraído notará que usa um dragão metálico na lapela, como se fosse um estranho distintivo.

Nascido em Barcelona em 1964, Zafón dedicou-se desde muito cedo a escrever romances para jovens. Em 1993 venceu um prémio que lhe permitiu mudar-se para Los Angeles, onde começou uma carreira como guionista. Nos tempos livres, escreveu *A Sombra do Vento*, que o catapultou para a ribalta mundial e o tornou o autor espanhol mais vendido em todo o mundo. Diz que, com os proventos financeiros que daí resultaram – já terá vendido qualquer coisa como 35 milhões de exemplares –, comprou a sua liberdade, «como Espártaco», ou seja, abandonou a profissão de guionista para se dedicar exclusivamente àquilo que mais gosta de fazer. Apesar disso, não esqueceu a lição que aprendeu em Hollywood, e constrói os seus romances com imagens, texturas, luz, banda sonora, atmosferas e até guarda-roupa – tal e qual como se fossem filmes ou séries de televisão.

Surpreendeu-me muito descobrir, depois de ter lido *A Sombra do Vento*, que você vivia em Los Angeles e não em Barcelona. Do que foi à procura nos Estados Unidos?

Há muito tempo que me apetecia sair de Espanha. Não porque tivesse algo de errado, mas simplesmente porque queria viver noutros lugares, outras sociedades, outros países, outras línguas. E por uma série de fatores acabei por ir para os Estados Unidos. Depois aconteceu o que acontece tantas vezes na vida: vais para um sítio, a tua vida monta-se ali e às tantas dá-te conta de que passou um montão de anos. O que faço agora é dividir o meu tempo: estou parte do ano na Califórnia e parte do ano em Barcelona. Digamos que quando estou na Califórnia é mais para trabalhar e quando estou em Barcelona é mais ‘de férias’.

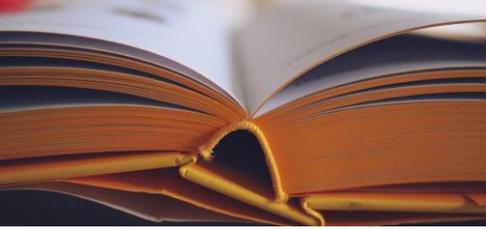
Que tipo de cidade é Los Angeles?

Los Angeles e Barcelona não podiam ser mais diferentes. Na Califórnia, em geral, há uma grande diversidade de pessoas de todas as partes do mundo, há gente com muito talento. É uma cidade onde se falam 128 idiomas.

É uma cidade gigantesca, não é?

É uma grande área metropolitana onde vivem 12, 13 milhões de pessoas. Entre Los Angeles e San Diego, às vezes não se percebe se saímos da cidade ou se apenas entrámos noutra zona. Los Angeles tem um modelo urbano muito diferente do das antigas cidades da Europa ou até das cidades da Costa Leste dos Estados Unidos, que são mais antigas. Lisboa, Barcelona, Roma ou Paris são cidades que crescem a partir de um núcleo histórico e desenvolvem-se em anéis, como o tronco de uma árvore, onde o comércio e a habitação estão combinados, onde houve grandes catástrofes que arrasaram a cidade uma e outra vez mas ela volta a erguer-se, como se fossem várias cidades que se constroem umas em cima das outras. As cidades do Oeste dos Estados Unidos não. Têm grandes redes de autoestradas e áreas metropolitanas muito pouco densas. Torna-se interessante por isso, pelo contraste, pela diferença absoluta. E para mim é uma cidade boa para fazer um trabalho criativo, porque consigo criar a minha própria bolha. Em Barcelona a cidade não muda para ti, é o que é. Uma cidade como Los Angeles é o que fazes dela. É outro modelo. E acostumei-me a isso, lancei as minhas raízes, fiz amigos. Quando me canso de estar lá vou para o aeroporto e regresso à Velha Europa. É como ter vidas diferentes. Suponho que a qualquer momento terei de escolher um lado ou o outro, mas não sei ainda qual será.

Disse que se falam 128 línguas?



Sim, no distrito escolar de LA falam-se 128 línguas. Todo o mundo está ali metido.

Fala espanhol no dia-a-dia?

Em Los Angeles não, falo inglês. 40% da população de LA são aquilo a que os americanos chamam hispânicos. Muitos são imigrantes de países centro-americanos que fazem os trabalhos mais duros e são mal pagos. Para estas pessoas, o meu espanhol soa muito estranho. Imagino que seja para eles como o equivalente do inglês do noticiário da BBC, um sotaque a que os ingleses chamam clipped, muito formal, muito chique.

Mas chegou a tentar...

Há muitos anos, tive de fazer uma mudança de óleo do primeiro carro que comprei na Califórnia. Fui a um sítio onde os mecânicos estavam a falar espanhol e pensei que podia falar espanhol com eles. E disse: 'Hola, buenos días! Quiero cambiar el aceite del coche'. Ficaram a olhar para mim de boca aberta. Tive de repetir umas cinco vezes, até que um deles se levanta e diz: 'El señor quiere cambiar el aceite del carro y habla español!', como se eu tivesse acabado de aterrar vindo do espaço. Os imigrantes de segunda geração querem é blend in [misturar-se] e se falas com eles em espanhol acham que estás a discriminá-los e respondem-te em inglês. Por isso só falo espanhol quando estou em Espanha. E quando estou em Barcelona falo catalão. Acabamos por falar o idioma do lugar.

E escrever? Escreve sempre em castelhano?

Sim, escrevo sempre em castelhano. Foi a língua em que aprendi a ler e a escrever, e essa relação que o escritor tem com a primeira língua não tem com nenhuma outra, mesmo que a conheça e a domine.

Mas quando trabalhava como guionista escrevia em inglês.

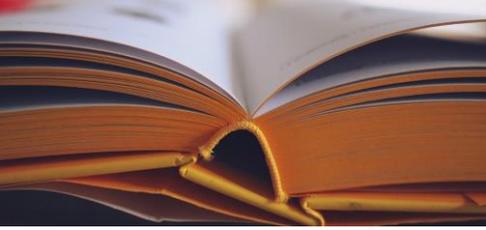
É diferente. Num guião, o que fazemos é criar uma espécie de plano que servirá para construir aquilo que será o produto definitivo – não fazemos o produto definitivo. É como o arquiteto que faz as plantas: isso não é ainda o edifício, ali não pode viver ninguém. O trabalho de linguagem de um guionista não é sequer remotamente comparável ao de escrever um romance, onde a essência de tudo é a linguagem. Num romance, a linguagem é a fotografia, é o cenário, é a maquilhagem, é o guarda-roupa, os atores, a música, a história – é tudo. E num guião não.

No ciclo do 'Cemitério dos livros esquecidos' a personagem principal, mais do que a família Sempere, é Barcelona. Vivias lá quando escreveu estes livros?

A Sombra do Vento foi integralmente escrita em Los Angeles. O livro que foi mais escrito em Barcelona – metade foi lá e a outra metade em LA – foi O Jogo do Anjo. O Prisioneiro do Céu foi integralmente escrito em LA e o Labirinto dos Espíritos eu diria que 70% foi escrito em LA, 30% em Barcelona. A ideia, como você disse, não era utilizar Barcelona como cenário, mas criar uma personagem baseada na cidade. Há muitos personagens, muitos protagonistas, não há um fundamental, mas Barcelona é dominante. Tentei transformá-la numa estilização gótica da cidade, que não é exatamente a cidade real, mas está muito baseada na realidade, na geografia e na história da cidade.

É uma Barcelona antiga. Fê-la de cabeça ou teve de recorrer a arquivos, de documentar-se?

Nasci em Barcelona, fui criado em Barcelona, conheço-a por dentro e por fora. Posso criar um mundo baseado em Barcelona sem ter necessidade de documentar-me. Às vezes vais acumulando informação sobre um tema e a melhor documentação é quando deixaste que isso se sedimentasse na tua cabeça e utilizas o que ficou. Dramaticamente, meter uma pilha de dados à força na história nunca funciona. Há romances que estão muito documentados, mas sentimos que em nenhum momento ganham vida.

**A sua vida mudou muito com o sucesso d’A Sombra do Vento?**

A Sombra do Vento foi o quinto livro que publiquei, era mais um romance. Um romance diferente, é verdade, um recomeço, porque era um romance sem etiquetas, sem ser para novos ou para velhos. Graças ao sucesso d’A Sombra do Vento pude deixar de trabalhar como guionista e concentrar-me nos meus próprios livros. Comprei a minha liberdade, como Espártaco. Mas as mudanças não foram radicais, até porque o sucesso foi gradual. Na altura em que o livro foi publicado, eu tinha 34 ou 35 anos. Quando o sucesso chegou, já era quem sou hoje. Continuei a fazer o que fazia, a viver como vivia. Não me mudou nem mudou o meu modo de vida. Simplesmente tenho mais independência. Se decidir que vou dedicar anos a trabalhar num livro posso fazê-lo, não tenho a pressão que tinha antes.

Quando não se tem essa pressão, não há a tentação de pensar: ‘Hoje não me apetece trabalhar, hoje não vou’?

Acontece. Às vezes dá-me na gana e digo: ‘Hoje não vou trabalhar. Vou ficar a dormir ou vou dar um passeio’, seja o que for. Posso dar-me a esse luxo. Mas quando começo a trabalhar nalguma coisa não tiro folgas nunca, trabalho constantemente.

Trabalha em casa?

Tanto em Barcelona como em Los Angeles tenho uma oficina, um escritório. O de LA é muito maior porque passo mais tempo lá. Às vezes vejo pessoas a trabalhar num café e não percebo. Eu preciso de estar no meu próprio espaço, isolado do mundo, e passo o dia inteiro a trabalhar.

E escreve no computador?

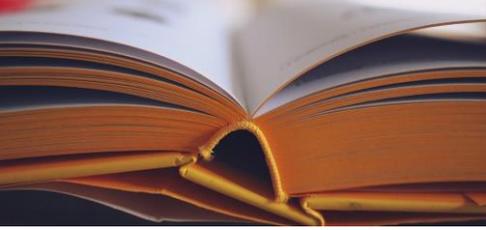
Normalmente sim. A minha caligrafia é indecifrável – um grafólogo provavelmente teria um curto-circuito cerebral, porque escrevo a mesma letra de muitas maneiras diferentes. Quando era miúdo gostava de escrever à máquina e acostumei-me desde muito pequeno a usar o computador. Quando ainda ninguém usava o computador, eu já o usava para escrever. E acho que o processador de texto funciona como o cérebro, porque permite escrever e rescrever a mesma frase muitas vezes. Voltas atrás e cortas e colas, e mudas e dás voltas e voltas. Aquela página nunca é definitiva, está sempre aberta até ao momento em que dizes: acabou o trabalho.

Vai para esse escritório de manhã?

Sim. Quando era jovem escrevia de noite. Os cinco primeiros livros que publiquei foram escritos de noite. Começava a trabalhar às onze da noite e escrevia até ao nascer do sol, um pouco mais. A seguir passava uma hora a ler e a fazer descompressão, e depois ia-me deitar. Acordava muito tarde, saía, dava um passeio, pensava, e à noite ia de novo trabalhar. Fiz essa rotina durante muitos anos. Isso começou a mudar com a idade. A própria química do corpo muda, e num momento determinado percebi que não podia continuar a trabalhar de noite, como tinha feito sempre. Quando chegava à meia-noite ou à uma da manhã adormecia. ‘O que se passa?!’ Tentava e adormecia outra vez. E tomava café. Até que disse: ‘Podia experimentar o contrário, fazer o que fazem muitos escritores, que se levantam muito cedo e começam a trabalhar até que o cérebro aguente’.

E até quando aguenta?

Normalmente há uma margem de horas a partir da qual a máquina não dá mais. Podes fazer outras coisas, mas não escrever. Então comecei a fazer isso, e desde há muitos anos que acordo de manhã, normalmente cedo, e vou para o escritório trabalhar, até que digo ‘Hoje já não vou produzir mais material usável’. Esse é o momento de dizer ‘stop’.

**Quando acaba de escrever um livro dá-o a ler a alguém?**

A única pessoa a quem dou a ler os livros quando acabo de os escrever é à minha mulher. Quando conhecemos bem alguém e sabemos como pensa, a sua reação, mais do que aquilo que nos diz, ajuda-nos a saber se há coisas que não estavam claras, se há algo confuso, e a partir daí podemos fazer alguma mudança ou ajuste. Essa é a versão definitiva do livro, está fechado, já não muda, e envio ao meu agente e ao meu editor. Eles leem, podem fazer algum ajuste de datas ou corrigir imprecisões, mas são alterações mínimas. Há muitos escritores que fazem a primeira versão e dão-na a ler a alguém, que depois faz comentários. Essa é a maneira de trabalhar do guionista. Terminas o guião, entrega-lo e dizem-te 'Queremos mudar tudo'.

Chegou a acontecer-lhe isso?

Sim. E por razões absolutamente ridículas. É como um arquiteto que está a trabalhar com um cliente que lhe diz: 'Eu quero a piscina no quarto de dormir. E quero golfinhos e uma fonte colorida'. E aí há duas opções: ou dizes 'isso é uma estupidez' ou dizes 'às suas ordens, voltarei daqui a um mês com a piscina com golfinhos e uma fonte colorida'. E quando voltas, ele pergunta-te: 'Porque é que a piscina está no quarto de dormir?' 'Foi o que me pediu'. 'Não, não foi, eu nunca disse isso. O que eu disse é que a piscina tinha de ter cataratas. E focas'. Vais, e tratas de pôr cataratas e focas. Normalmente na televisão é assim. Quando estás a trabalhar num romance é diferente: é a tua obra, é o teu mundo pessoal, é o que queres fazer. Os editores podem publicá-lo ou não.

O que lhe disse a sua mulher sobre O Labirinto dos Espíritos?

Ela já convive com esta história há mais de 15 anos. Disse que gostou muito. E julgo que não o disse por cortesia. Normalmente a sua reação e serve-me para saber se consegui ou não fazer o que pretendia. Neste caso tive a sensação de que sim, de que escrevi exatamente o livro que queria escrever.

Recebe muitas cartas de leitores?

Antes da explosão das redes sociais as pessoas escreviam mais cartas. Agora põem as suas opiniões nas redes sociais. Publicas os livros e numa semana há milhares de pessoas que te dizem o que pensam. Mas temos de ser cautelosos para não nos deixarmos levar pelo que dizem.

Recebe declarações de amor de leitoras?

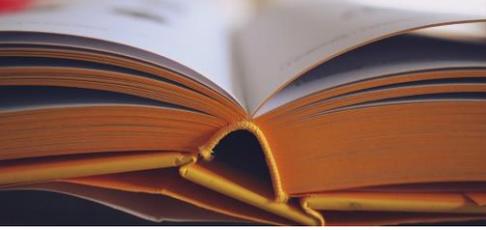
Bom... recebo mensagens muito pessoais, pessoas que me comunicam coisas da sua vida ou que contam como reagiram aos meus livros. E há histórias curiosíssimas de pessoas que encontraram uma relação entre o que liam nos meus livros e o que estava a acontecer nas suas vidas. Ao longo dos anos tenho encontrado de tudo.

Também tem más críticas?

Como qualquer pessoa que faça um trabalho público, há todo o tipo de respostas. Ao longo dos anos, os comentários têm sido sempre muito positivos e generosos, em geral. Se houve algum pior? Sim, houve. Penso que esta é a única profissão do mundo em que, para algumas pessoas, o sucesso está mal visto.

Na música também pode acontecer.

Passa-se nas artes, em geral. Se um filme tem muito êxito há quem adote uma postura snob. Por vezes parece que tenho que pedir desculpa por algo que fiz ter tido sucesso, como se tivesse cometido um crime. Isto vai sempre acontecer, faz parte da caixa de ressonância do género humano. Particularmente



na literatura – mas também noutros campos – há pessoas que dizem maravilhas do teu trabalho, mas quando percebem há muita gente que também gosta, dizem o contrário. Se há alguém que ache mal que os livros tenham sucesso ou que não goste de mim, que pena! – não quis ofender ninguém, mas também não vou perder nem um minuto de sono por causa dele.

Para si, parece fácil escrever.

Não, não...

Quando o lemos, parece que escreve como quem respira.

Quem me dera! Escrever é o meu ofício, a minha profissão, vou trabalhando numa coisa até que funcione, até quando for preciso, e isso é o que chega ao leitor. Parte do artifício da literatura é que quando as coisas estão terminadas tudo pareça simples – a ilusão da simplicidade é a mais difícil de conseguir. Uma coisa que entendo sempre é que o trabalho de engenharia – digamos assim -, o trabalho técnico, cabe-me a mim. Não tenho de o transferir para o leitor. Seria como um restaurante que servisse pratos por cozinhar. Não, eu tenho de trabalhar para que o leitor flua pelo texto como se fosse água, e que tenha uma experiência o mais intensa e sedutora possível, que desfrute e que não se depare com a complexidade e a dificuldade da criação disto.

Mas retira prazer da escrita? Há escritores que dizem que sofrem muito...

Há quem diga: 'É um trabalho tão duro... Vejo gente a descarregar caixas no porto ou a partir pedra à torreira do sol e digo: 'Isso sim, é um trabalho duro'. O problema da escrita é que é uma abstração puramente intelectual. Enfrentas constantemente um vazio e não há nada em que te possas apoiar. Isso cria a sensação de que tens de fazer tudo a partir do zero. Estás a tentar criar mundos, personagens, histórias, atmosferas, imagens, sons, texturas, mas só com papel e tinta. Se crio uma cidade, tenho de a levantar a partir do chão. Tudo: a luz, a textura, a atmosfera do lugar, o olhar de um personagem, um movimento, tudo é criado do zero. E isso faz com que sejas prisioneiro das tuas próprias limitações. Só podes fazer aquilo que a tua técnica te permite fazer. É um mundo que se vai erguendo e que tem de ter um nível de intensidade, de profundidade suficiente para que o leitor entre nele.

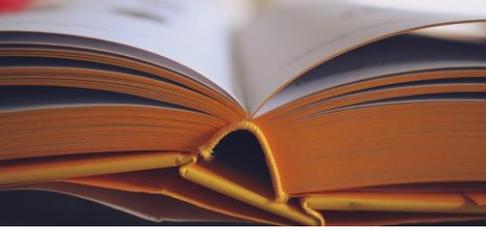
Para que acredite.

Para que acredite, lhe interesse e queira continuar ali durante muito tempo. Porque um filme dura 90 minutos, mas 90 minutos num romance não é nada. São uns poucos capítulos. Às vezes é frustrante, porque não estás a fazer as coisas como imaginavas, mas por outro lado creio que há uma fruição, precisamente por causa da dificuldade, do desafio de criar todas estas coisas só com papel e tinta, há uma sensação de satisfação. Além disso não precisas de nada nem de ninguém. Se queres fazer um filme, precisas de dinheiro, de muitas coisas. Aqui não precisas de nada, podes criar seja o que for e as únicas limitações são as tuas.

Em todos estes romances perpassa sempre um grande fascínio pelo livro. Como é a sua biblioteca?

Tenho uma biblioteca imensa, com milhares e milhares de livros, dividida em quatro partes: em Barcelona e em Los Angeles e, em cada um desses locais, em casa e no escritório. E há uma quinta parte, que são todos os arquivos digitais que tenho. Muitos são livros que tenho em papel mas quero ter em digital para levar de um lado para outro. Digamos que tenho uma biblioteca invisível, digital, e quatro bibliotecas repartidas em quatro lugares diferentes. Gostaria de ter todos juntos, mas de momento estão separados.

Tem livros raros, primeiras edições?



Gosto de ver esses livros antigos, mas para mim o importante é a obra. Compro livros porque os quero ler. Se um livro me interessa prefiro encontrar a melhor edição, em melhor estado, para desfrutar do texto, do que uma de 1714 que é muito bonita e tem pequenas lagartinhas. Uma das coisas que quis fazer com esta série do 'Cemitério dos Livros Perdidos' era uma homenagem à literatura, à tradição literária, aos géneros, às pessoas que fazem parte do mundo do livro – leitores, escritores, editores, livreiros, bibliotecários – e também uma reflexão sobre o que significa a literatura, o que significa ler, o que significa escrever.

Tem tempo para ler?

Tento ter. Nas alturas em que estou a escrever tenho menos tempo para ler e demoro mais a ler os livros, porque tenho a cabeça mergulhada no livro que estou a escrever, mas gosto sempre de ler, estou sempre a ler algo. Quando não estou a escrever, aí sim, leio muito mais.

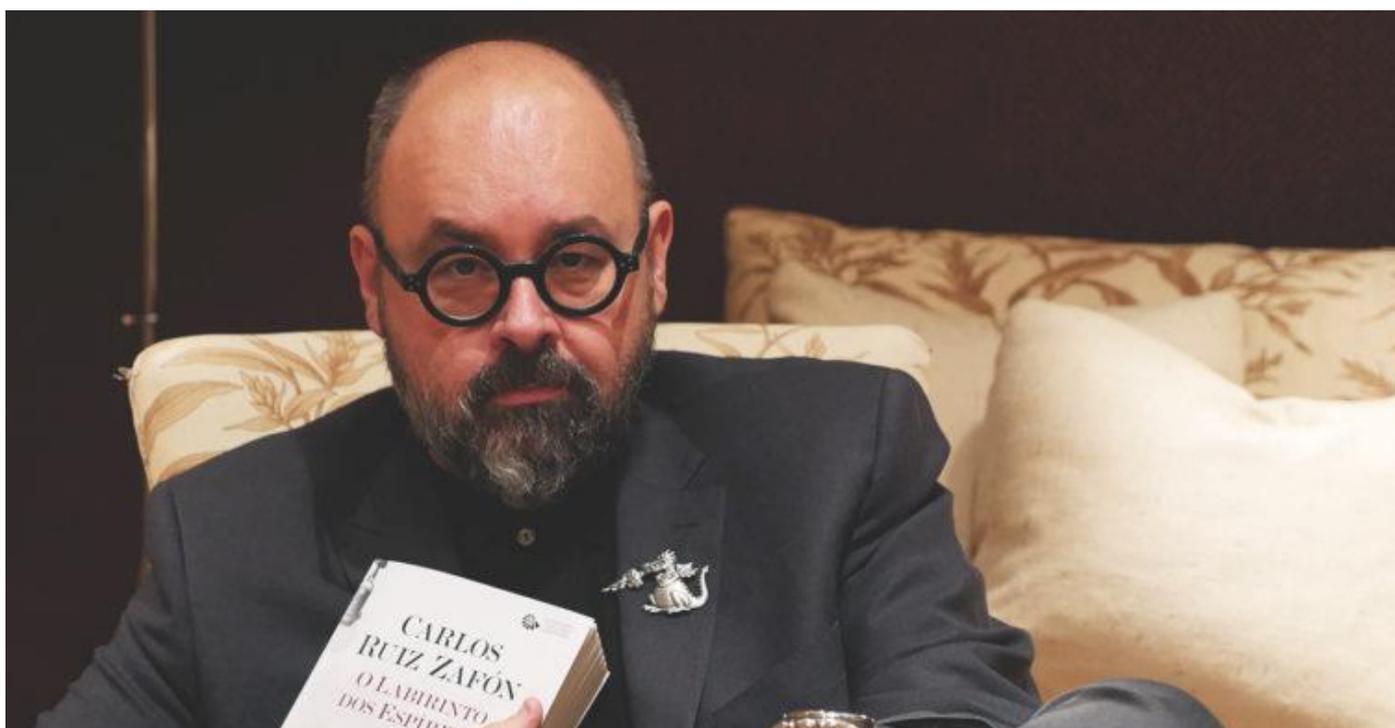
E o que gosta mais de ler?

Quando era mais jovem lia muito mais ficção. Nos últimos dez anos, por aí, comecei a mudar. Agora leio muito mais não ficção – ensaio, sobretudo história. Leio livros sobre temas da história que me interessam, história da arte, da ciência. Isso representa uns 70% do que leio. Mas também continuo a ler romances de autores de que gosto e de outros que vou descobrindo.

Carlos Ruiz Zafón: “Nunca farei uma adaptação para cinema de ‘A Sombra do Vento’”

O livro vendeu mais de 15 milhões de cópias, mas o autor não lhe quer mexer. A tetralogia chega agora ao fim com “O Labirinto dos Espíritos”.

13/12/2016 às 20:30

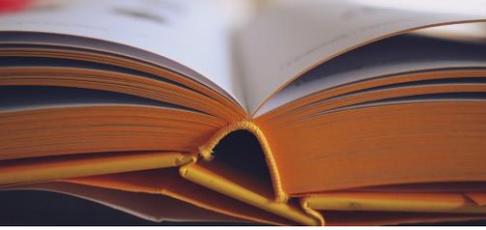


Texto [Andreia Costa](#) ; fotografia André Abrantes

Em 1945, um miúdo descobria o Cemitério dos Livros Esquecidos, uma biblioteca gigante e misteriosa em Barcelona, que o fazia embarcar numa jornada em busca de um autor maldito. Na mesma altura – ou mais precisamente em 2001, quando [“A Sombra do Vento”](#) chegou às lojas –, abriam-se também para os leitores as portas deste universo literário, romântico e de suspense criado pelo escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón.

A história foi logo pensada para ocupar quatro volumes e o último, [“O Labirinto dos Espíritos”](#), está à venda em Portugal desde 23 de novembro, editado pela Planeta. A aventura de Daniel Sempere durou 15 anos e fez do autor o mais vendido – só “A Sombra do Vento” já teve mais de 15 milhões de cópias – da língua espanhola depois de Cervantes.

Começou por escrever livros juvenis antes de ter coragem de avançar para o primeiro romance, apesar de ter criado a primeira história com apenas nove anos, quando vendia os contos no



recreio da escola com os amigos. Trabalhou como argumentista, divide agora o tempo entre Los Angeles e Barcelona, mas garante que não quer ver a sua obra no cinema.

Coleciona dragões, uma figura que também faz parte dos seus livros, e neste momento está em pausa, à espera que uma história lhe diga: “Esta é a minha vez.”

Na segunda visita relâmpago a Lisboa – tinha estado em Portugal em 2012 –, de apenas dois dias, aproveitou o pouco tempo para conhecer a cidade de tuk-tuk. Antes falou com a NiT sobre o livro que encerra a tetralogia “O Cemitérios dos Livros Esquecidos”, a infância no colégio de jesuítas e as propostas de Hollywood que, até agora, sempre recusou.

Como é que se despediu destas personagens sobre as quais escreve há 15 anos? É como fazer o luto de alguém que morre?

Não sinto isso. É de certa forma gratificante porque a minha ideia era explorar as vidas, os segredos e a evolução das personagens ao longo das suas vidas. A minha ambição foi criar uma história caleidoscópica, podemos explorar as personagens por dentro e por fora. Foi interessante conviver com eles ao longo dos anos.

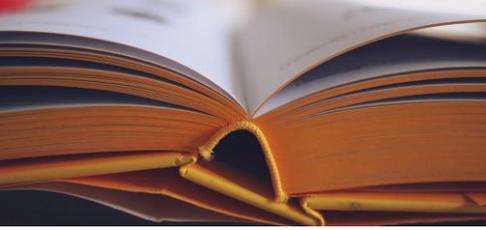
O que fez exatamente a seguir a ter escrito a última página de “O Labirinto dos Espíritos”? Celebrou ou sentiu-se vazio?

Senti-me satisfeito e em paz. Estive muitos anos a trabalhar nesta série e a construir este mundo. Após estar tanto tempo a trabalhar em algo, finalmente é aquilo que queríamos que fosse. Podemos dizer que esta é a última pedra e que o edifício está construído. A sensação é mais de paz interior e de dever cumprido. É algo que não tinha tido com os livros anteriores porque eram partes incompletas de um todo.

“Não tinha sentido paz com os livros anteriores porque eram partes incompletas de um todo”

Ainda não sentiu saudades destas personagens, de conviver com elas?

Para mim as personagens não desaparecem. Sempre que acabei de escrever todas as minhas histórias, as personagens não se vão embora, permanecem comigo. Não chego a sentir a falta delas porque continuam na minha cabeça, são parte de mim e do meu mundo interior.



Apesar do sucesso da história, já disse que não tinha vontade de a ver passar para o cinema, queria guardá-la como está. Mas de certeza que já teve propostas.

Há muitos anos que vou recebendo propostas e agradeço-as.

Propostas de Hollywood?

Sim, a maioria vem dos Estados Unidos.

De nomes que pode revelar?

Tendo em conta que as declinei, prefiro não dizer. O problema não eram as propostas, vinham de pessoas que eu respeito muito na indústria do cinema. Mas, para mim, parte da ideia destes quatro livros era criar uma homenagem à literatura, à palavra escrita, e seria quase uma traição ao seu espírito tentar transformá-los noutra coisa. Acho também que não faz falta, nem tudo tem de ser um filme ou uma série de televisão. Estes são livros que estão contentes de serem livros, se eu quisesse que fossem um filme, tinha-os escrito como tal.

Mas ao mesmo tempo escreve como se estivesse a criar um filme.

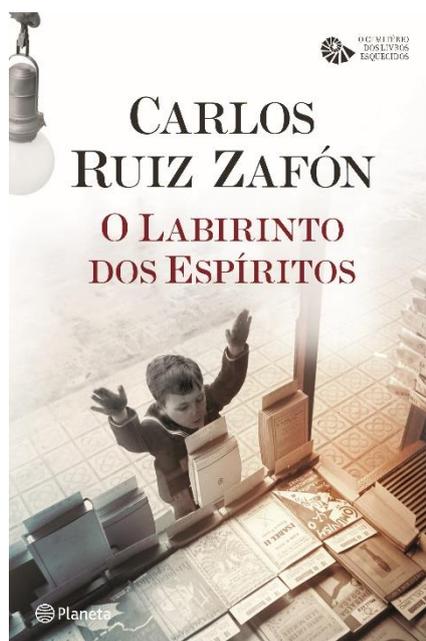
Os romances têm de estar constantemente a ganhar novas ferramentas narrativas, novas técnicas. No século XIX, os livros incorporavam muita coisa vinda do teatro, e acho que os autores de hoje têm de dominar outros registos para oferecer ao leitor a experiência narrativa mais intensa possível. Não há nada que possa explicar uma história com a riqueza narrativa e a densidade de um romance bem construído. Se está bem escrito, eu fico a pensar nele.

Consegue colocar a possibilidade de uma adaptação para cinema no futuro ou diz mesmo que não, que nunca o fará?

Não, nunca o farei. Acho que seria desnecessário, redundante. Para mim a versão definitiva destes livros está nos livros, as imagens estão nos livros. O que eu quero fazer agora são coisas novas, não faria sentido dedicar anos da minha vida a voltar a fazer noutra plataforma o que já fiz aqui e da maneira que eu queria.

Soube por volta dos cinco anos que queria ser escritor. Lembra-se do primeiro livro que leu e o que isso lhe causou?

Não sei exatamente o que foi mas o que realmente me cativou foi a capacidade de, com pequenas manchas de tinta no papel, poder criar mundos, personagens e universos infinitos. Parecia-me que era como magia, que podia abrir portas. Isso fascinou-me tanto que não foi um só livro que me causou impacto, foram todos. Eu queria aprender como funcionavam, como se construía, com tudo, desde os livros à televisão, passando pelo cinema. O que tentei ao longo dos anos foi usar tudo isso que aprendi para explicar as minhas próprias histórias.



E o primeiro texto que escreveu, era o quê?

Primeiro comecei por contar as histórias verbalmente e depois aprendi a ler e a escrever muito depressa. Quando tinha nove ou dez anos, lembro-me de, com uns amigos da escola, criar um editorial. Eu chamava-lhes novelas, mas eram contos de cinco ou seis páginas. Eu escrevia, um amigo imprimia – porque o pai tinha uma loja onde havia uma máquina Xerox, era algo sobrenatural –, um terceiro amigo fazia as ilustrações e o quarto era o homem do marketing, era ele que vendia as histórias no recreio da escola. Tivemos muito sucesso, eram histórias de monstros e horror, eram disparatadas, mas tínhamos nove ou dez anos. Achávamos que éramos ricos porque tínhamos moedas.

O que faziam com o dinheiro?

Saíamos do colégio e comprávamos guloseimas, bolos e comics. Tivemos tanto êxito que não eram só alunos a comprar os contos, os professores também. Passado um ano a direção da escola soube e alguém ficou escandalizado. Disseram que era horrível, que as histórias que estávamos a publicar eram subversivas, que corrompiam a moral dos miúdos.

Era uma escola católica?

Sim, era uma escola de jesuítas em Barcelona. Então a censura caiu sobre nós e acabaram com as nossas publicações. Montámos depois uma companhia de teatro para continuarmos a contar histórias.

Já disse que “A Sombra do Vento” é o livro que sempre quis escrever. Lembra-se da primeira ideia de todas que teve para a história?

Todas as histórias, para mim, nascem com uma imagem e neste caso foi a imagem do cemitério dos livros esquecidos, esta grande biblioteca misteriosa. Em 1998 estava a dar voltas a esta

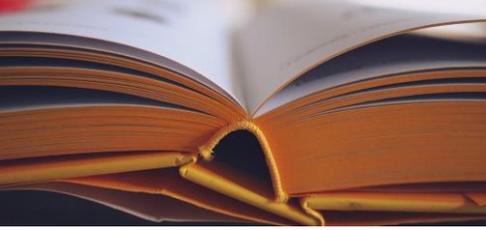


imagem e perguntava-me porque estava a construí-la na minha cabeça. Dei-me conta de que era uma metáfora sobre a memória e a identidade das pessoas. Comecei então a criar personagens, tramas, arcos que iam ser a base da história.

Quando começou a história, já sabia exatamente como queria acabá-la?

Dei-me logo conta de que ia ser uma história enorme e que não podia ser contada num só livro monstruoso. Percebi que a solução era dividi-la em quatro livros e criar um grande labirinto, com quatro portas de entrada cuja ordem podia ser trocada. Vi que o ponto de partida era este miúdo, Daniel Sempere, que não conseguia recordar a cara da mãe, apesar da história se tornar bem mais complexa. O que é interessante é que foi um processo orgânico, eu precisava de ter o desenho geral da história logo no início mas sabia que, quando comesse a escrever, teria de mudar muitas coisas.

Nos seus livros, sobretudo nas publicações juvenis como “Marina” ou “O Príncipe da Neblina”, tem criaturas fantásticas como o dragão que traz na lapela. Qual é a história?

Eu coleciono dragões desde criança, Barcelona é uma cidade de dragões.

O que tem no seu casaco foi um presente?

Este comprei-o em Nova Iorque há 25 anos. Estava um senhor a vender dragões numa pequena banca na Broadway. Era inverno, estava muito frio e a escurecer. Vi este senhor e achei os dragões fantásticos, comprei logo quatro – era o mesmo dragão a fazer coisas diferentes. Gostei tanto deles, e eram tão baratos, que regressei lá no dia seguinte para comprar mais. O senhor já não estava lá e não voltei a vê-lo. No entanto, devo ter quase 700 dragões de todos os tamanhos e formas. Normalmente quando os encontro, não os posso deixar ficar. Digo “pobrezito” e tenho de o levar comigo. Estão por todo o lado, em casa, no escritório, estão colados no teto, nas paredes, nos livros.

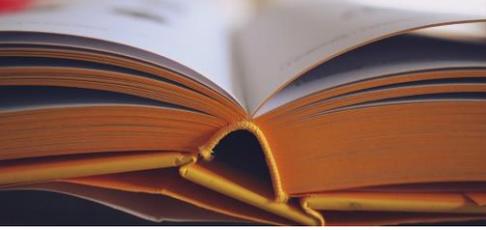
“Devo ter quase 700 dragões de todos os tamanhos e formas, estão colados nos tetos, nos livros”

Quando está a escrever, tem de se concentrar de tal forma que se fecha em casa?

São 24 horas por dia, sete dias por semana. Às vezes saio para tomar um café ou apanhar ar mas é um processo constante. Às vezes dura meses, outras vezes anos.

Quanto tempo demorou “O Labirinto dos Espíritos”?

Este foi o livro mais complexo de escrever. Estive um ano e meio a planear o que ia escrever e



passar tudo para o papel durou cerca de três anos. Foi complicado, acidentado, em momentos tive de parar para refazer coisas.

Deita muita coisa para o lixo?

Há muitas coisas que ficam pelo caminho, às vezes não porque são más, mas porque são demasiado. Posso gostar, ser muito bonito, mas não é honesto com as personagens, com o livro e, nesse momento, é preciso cortar. Tudo nos livros está reescrito três, cinco, mil vezes, até chegar àquilo que tem de ser.

Já está a escrever alguma coisa nova ou precisa de fazer uma pausa?

Estou a fazer uma pausa. Terminei o livro este verão, estou a deixar os motores arrefecerem. Tenho quatro ou cinco projetos, mas ainda não me decidi por nenhum. Suponho que vou esperar uns meses.

Deixa-se afetar pela pressão de ter de fazer sempre algo melhor do que o livro anterior?

Tentamos fazer sempre algo diferente e vamos conseguindo ao longo dos anos, com a experiência, mas não me compete a mim julgar os livros. De momento estou à espera que haja uma história que me chame e que me diga: “Esta é a minha vez.”

Estes livros são quase um guia turístico de Barcelona, há muitas pessoas que procuram os espaços de que se fala aqui. Passando para a Barcelona actual, que sugestões é que daria?

Em Barcelona acho que há três ou quatro empresas que organizam tours turísticos dos livros, mas eu não tenho ligação a nenhuma delas. Não posso recomendar restaurantes mas, em todo o caso, há algumas das minhas personagens que o fazem. Por exemplo, o Fermín Romero de Torres tem um restaurante favorito que existe mesmo, o Can Lluís, em El Raval, que é um ótimo sítio de uma família encantadora. A Barcelona dos meus livros é mais uma personagem, não é a Barcelona real.

Carlos Ruiz Zafón

O autor espanhol mais lido do nosso século

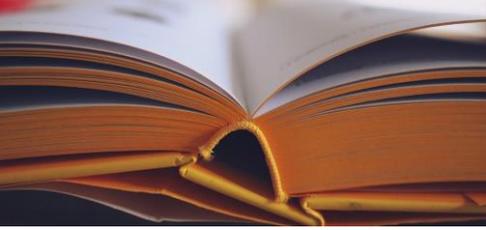
23 outubro 2023,
Daniela Fontes



Carlos Ruiz Zafón apoiado sob livros

Há alguns anos, numa tarde comum, me perdendo entre as prateleiras de uma livraria local, me deparei com um título que chamou minha atenção: *A Sombra do Vento*. As letras escritas em bordô destacavam uma capa em preto e branco onde se via um menino caminhando de mãos dadas com alguém que parecia ser seu pai, por uma rua vazia e coberta de neblina.

Na contracapa, descobri um pouco mais: Espanha, 1945, entre os últimos raios de luz do modernismo e as trevas do pós-guerra, numa madrugada fria, Daniel Sempere é levado por seu pai à um misterioso lugar no coração de Barcelona: O Cemitério dos Livros Esquecidos. *Uma obra ambiciosa, capaz de conjugar os mais variados estilos sem perder por um segundo seu poder de fascinação*, dizia a crítica do *Qué Leer*. Enquanto o *La Vanguardia* anunciava ser aquele um *novo fenômeno da literatura espanhola*.



Seu autor, Carlos Ruiz Zafón, nasceu em Barcelona no ano de 1964. Cidade esta, com a qual ele tinha tanta familiaridade, a escolhida para ambientar sua saga mais importante. Pouco se sabe sobre sua vida pessoal, ele era extremamente reservado, como já afirmou o jornal El País, e apesar do estouro literário alcançado a partir do lançamento de A Sombra do Vento, Zafón se manteve longe dos holofotes.

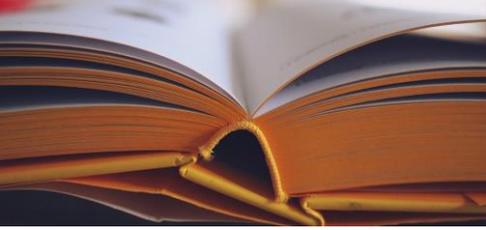
Foi nos Estados Unidos que decidiu se fixar, em companhia da esposa, quando tinha apenas 29 anos, segundo o próprio autor, por conta de sua paixão pelo cinema e seu desejo de trabalhar como roteirista.

Após o estrondoso sucesso, recebeu inúmeras propostas de Hollywood para adaptar seus romances para as telas, mas, se recusou veemente. Pois, dizia ele, segundo entrevistas dadas anteriormente, que sua obra foi concebida como uma “homenagem aos livros”. E, que apesar da sua paixão pela sétima arte, não via sentido em misturar as coisas.

Autor de vários títulos, foi entre 2001 e 2017 que Zafón presenteou o mundo com sua aplaudida série de ficção composta por 4 livros: A Sombra do Vento, O Jogo do Anjo, O Prisioneiro do Céu e O Labirinto dos Espíritos, este último lançado poucos anos antes de sua partida.

É entre as páginas destes romances que nos aventuramos na companhia de Daniel Sempere a percorrer as prateleiras escuras e empoeiradas do Cemitério dos Livros Esquecidos e a desvendar os mistérios da vida de Julián Carax, autor de A Sombra do Vento, romance lá encontrado por Daniel, que o fascinou completamente.

Num misto de realidade e ficção, vamos adentrando à enigmática e surpreendente Barcelona, percorrendo seus bairros e, em detalhes, descobrindo suas belezas. Zafón consegue nos absorver pela história e sem que percebamos suas páginas nos arrebatam! Somos tomados pelo suspense, adentramos no íntimo de seus personagens, vibramos e sofremos a cada nova descoberta de Daniel. No total, 40 anos de história são retratados na série. O garoto de 11 anos cresce, deixa para trás a pureza da infância enquanto vai se descobrindo e conhecendo o mundo. Um mundo real, sem máscaras, cheio de amor e de ódio. Os livros, sempre seus



companheiros, o acompanham durante toda sua caminhada. Uma caminhada de busca pela verdade!

Zafón tem o poder de nos transportar com sua escrita cheia de emoção e repleta de acontecimentos que fazem aflorar no leitor inúmeras emoções.

A cada livro que lia da série, ficava aguardando a publicação da próxima história, e durante esta trajetória fui me aproximando mais de sua obra, buscando e lendo seus outros títulos. Hoje, tenho todos em minha estante, e vez ou outra volto a me perder entre suas páginas.

Zafón nos deixou em meados de 2020, aos 55 anos, em decorrência de um câncer. Mas, seu legado permanecerá para o mundo. O autor espanhol mais lido após Cervantes alcançou milhões de pessoas e foi traduzido em mais de 50 países. Um apaixonado pela literatura que através de suas palavras reverenciava o mundo dos livros.

Cada livro, cada volume que você vê, tem alma. A alma de quem o escreveu, e a alma dos que o leram, que viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém passa os olhos pelas suas páginas, seu espírito cresce e a pessoa se fortalece.

(Carlos Ruiz Zafón em A sombra do Vento)